Organizador
Ademir Pascale

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR

Para serem lidos na calada da noite
Volume III

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-78840-2
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

TODAS AS MANHÃS EU ME REFAÇO, POR ADEMIR PASCALE, PÁG. 05
A BRUXA, POR DANIELA BLOC, PÁG. 09
O CÃO E O ESCARAVELHO, POR JÚLIO CÉSAR, PÁG. 11
SOB CÉUS SELVAGENS, POR NEY ALENCAR, PÁG. 15
QUANDO OS MORTOS NÃO MORREM, POR NEY ALENCAR, PÁG. 21
O OLHO DO CAÇADOR, POR NEY ALENCAR, PÁG. 26
A BESTA DA CAVERNA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 32
GULOSO, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 36
HORAS ANGUSTIANTES, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41
À PROCURA DE MIM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 43
O MUNDO PAROU, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 45
MAIS UM CRIME, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 47
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 49

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR
PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE
VOL. III

APRESENTAMOS O CONTO

TODAS AS MANHÃS EU ME REFAÇO

POR ADEMIR PASCALE

ADEMIR PASCALE É PAULISTA, ESCRITOR, ATIVISTA CULTURAL, CASADO COM A PUBLICITÁRIA ELENIR ALVES E PAI DE DOIS MENINOS. EDITOR DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA (HTTP://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E COLUNISTA DA REVISTA PROJETO AUTOESTIMA (HTTP://WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM). CHANCELER NA ACADEMIA BRASILEIRA DE ESCRITORES (ABRESC). ASSOCIADO DA CBL (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO). PARTICIPOU EM MAIS DE 100 LIVROS, TENDO CONTOS PUBLICADOS NO BRASIL, MÉXICO, CHINA, PORTUGAL E FRANÇA. PUBLICOU AO LADO DE PEDRO BANDEIRA NO LIVRO "NOUVELLES DU BRÉSIL" (FRANÇA), COM XILOGRAVURAS DE JOSÉ COSTA LEITE. ORGANIZADOR DO LIVRO "POSSESSÃO ALIENÍGENA" (EDITORA DEVIR) E "TIME OUT - OS VIAJANTES DO TEMPO" (EDITORA ESTRONHO). ESCREVEU A INTRODUÇÃO DO LIVRO "BLOODY MARY - LENDAS INGLESAS" (ED. DARK BOOKS).

CONTATO: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

Da janela do quarto, Matson visualiza os transeuntes em suas atividades rotineiras, mesmo que algumas delas seja ficar sentados olhando para o tempo ou jogando jogos de tabuleiro, como o velho Marduco e seus amigos faziam todas as manhãs – e também as tardes.

A cama desarrumada. Fabiana deve estar malhando, como sempre faz em todas as manhãs. A ginástica frequente e o consumo baixo de calorias faz com que ela mantenha o corpo esbelto e a aparência jovem. Muitos não dão mais do que 30 anos, sendo que ela está para completar 43 anos.

Matson vai até a cozinha, pronto para encontrar a mesa pronta com o seu café da manhã, mas uma confusão invade a sua mente ao notar duas xícaras de café vazias, farelos de pão e restos de bolo. Ao que tudo indica, um café para dois foi consumido, e não faz muito tempo, pois ao tocar nas xícaras, as mesmas ainda estavam quentes. Mas, pode ser que alguma amiga de Fabiana veio logo cedo para o café, para depois saírem juntas.

O café pode ficar para depois, afinal, nem está com fome e, arrastando os pés descalços até o banheiro, pois não encontrou os chinelos, nota o armarinho aberto, mas sem a sua escova amarela. Estranha, pois ao lado da escova rosa de Fabiana, havia outra azul, sendo que algumas horas antes a sua estava lá.

Matson sente uma leve tontura. Apoia-se na parede e vê o teto do banheiro girar. Pode ser a falta do café e o pãozinho com queijo e presunto que estão fazendo falta, mesmo assim continua sem fome. Pode ser que uma ida até ao escritório faça com que fique melhor e um pouco mais animado. Mais um novo espanto ao abrir a porta do seu guarda-roupa: roupas diferentes, marcas, cores e tamanhos diferentes.

— A Fabiana só pode estar tentando pregar uma peça em mim. Mas uma peça bem sem graça. Pode até ser que ela esteja escondida aqui em casa, pronta para dar um salto e cair na gargalhada — Matson coça a cabeça, senta na cama e sente mais uma vez uma leve tontura, até visualizar o quadro da esposa, sorridente em sua festa de aniversário de 35 anos. Já os outros quadros, como o do seu casamento, das constantes viagens ao redor do mundo e, principalmente, do primeiro ano de namoro, não estavam lá. *Essa brincadeira está indo longe demais. Isso acaba aqui...* Pensa.

Matson vai até escrivaninha, mas não encontra o seu celular. Percorre os cômodos da casa em busca da esposa que poderia estar escondida como parte da “brincadeira”, mas não a encontra. Chegou a olhar até embaixo da cama.

No momento, a melhor saída seria sair de casa e caminhar um pouco para espairecer. E não daria a mínima importância se os vizinhos notassem que está descalço, pois além dos chinelos, não encontrou seus tênis ou sapatos. Por sorte ainda mantinha no corpo sua camiseta regata e sua bermuda branca.

Mas algo inusitado surge mais uma vez: não encontra as chaves da porta e a maçaneta não gira. Vai até a janela e pensa em pular, mas logo afasta esse pensamento ao lembrar que está descalço e que cairia sobre o jardim cheio das roseiras com seus espinhos pontiagudos.

O jeito foi sentar-se no sofá e aguardar até a brincadeira sem graça acabar.

As horas passam e Matson nem sequer nota, pois os pensamentos estão longe e, além do café da manhã, também não sentiu vontade de almoçar, algo bem diferente de sua rotina diária de alimentar-se 5 vezes ao dia, recomendação do nutricionista para manter o corpo bem nutrido e os músculos avantajados. E apesar de não entender a situação na qual se encontra, manteve a calma, algo que também estranhou, pois o nervosismo e a falta de paciência sempre o dominaram.

Mas finalmente descobriria o que realmente estava acontecendo, pois ouviu o som da chave sendo introduzida na porta.

Matson cruza os braços e fixa o olhar na porta da entrada.

E finalmente ela foi aberta e a luz acesa. É Fabiana. Matson sorri, mas logo desfaz o sorriso ao ver um homem atrás dela, que conversa com ela.

— Que trânsito infernal, hein? Não vejo a hora de tirar essa roupa e tomar um banho. Amor, o que acha de depois pedirmos uma pizza?

— Pode ser, estou morrendo de fome e não estou a fim de cozinhar nada hoje.

Matson fica paralisado e não entende quem é aquele homem.

Amor? Ele a chamou de amor! Eles não estão vendo que estou aqui? Pensa Matson, que resolve interferir na conversa.

— Ei, que história é essa de amor? Quem é você? O que pensam que estão fazendo? — Matson se levanta.

— Estranho, senti um arrepio no corpo... — diz Fabiana cerrando o olhar.

— É parece que esfriou. Bom, vou tomar um banho quente. Se quiser ir comigo a gente pode se esquentar no banheiro – os dois se abraçam.

— Que palhaçada é essa? Que pouca vergonha, Fabiana. Eu estou aqui, você é casada, que história é essa?

Eles, Fabiana e o homem, não respondem e caminham em direção ao quarto. O homem entra no banheiro, mas Fabiana continua andando, entra no quarto e Matson a segue. Ela abre a gaveta do seu guarda-roupa e pega uma foto. Senta na cama e a beija, depois a coloca sobre o peito, dá um longo suspiro, olha novamente a foto e a guarda em seu lugar de origem. Passa pelo esposo e entra no banheiro.

Sem entender, Matson abre a gaveta da esposa e pega o retrato.

Era ele em uma foto tirada no dia do seu noivado com Fabiana.

De repente uma luz invade o quarto e sua mente clareia. Ele lembra da esposa chorando, segurando sua mão na cama do hospital. Fora baleado por um bandido que furtou seu carro.

Recorda-se do momento em que o médico e enfermeiros estavam ao seu redor, até tudo ficar escuro, depois surgiu um túnel extenso e iluminado.

Faleceu há mais de dois anos. E por algum motivo mantém-se preso em sua casa. E sempre ao amanhecer, tenta manter a rotina diária, até descobrir ao final do dia que não está mais vivo, num *loop* que parece eterno...

APRESENTAMOS O POEMA

A BRUXA

POR DANIELA BLOC

DANIELA BLOC É FORMADA EM DIREITO PELA UFC, MAS SEMPRE ATUOU NA ÁREA DAEDUCAÇÃO.TEM ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA PELA UNICHRISTUS, PROFESSORA E REVISORA LITERÁRIA HÁ MAIS DE 30 ANOS.TEM UM LIVRO INFANTIL PUBLICADO PELA IMEPH.TEM PARTICIPAÇÕES EM INÚMEROS JORNAIS, REVISTAS E ANTOLOGIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS. VENCEDORA DE VÁRIOSCONCURSOS LITERÁRIOS LOCAIS, BEM COLOCADA EM OUTROSCONCURSOS DE ÂMBITO NACIONAL.

Borbulhante e sinistro caldeirão
A ferver mais maléficas poções
Cobras, ratos, aranhas, escorpiões
Emanavam um olor de podridão

De chapéu cônico, em forma de funco
Surge a face horrenda, repletas de rugas
Adornada por um nariz adunco
De onde pendem inúmeras verrugas

Crânios humanos em enâbeo armário
Vidros cheios de glóbulos oculares
Empoeirados livros seculares

Símbolos macabros em todos lugares
Animais estripados em crisos altares
Compunham aquele lúgubre cenário

APRESENTAMOS O CONTO

O CÃO E O ESCARAVELHO

POR JÚLIO CÉSAR

NASCI EM 16 DE MAIO DE 2003. SOU DO SIGNO DE TOURO, ESTUDANTE DE PSICOLOGIA COM FORTES INCLINAÇÕES PARA A PSICANÁLISE DE FREUD E RECENTEMENTE RESOLVI ME AVENTURAR NA ESCRITA DE TERROR, IMAGINAÇÃO E HORROR.

Eu estava, às cinco da manhã, acordado. Meu colega de dormitório saíra, há muito, para resolver pendências acadêmicas e assistir às aulas da Professora M. Era uma manhã como qualquer outra, tomei meu expresso, me aprontei, vesti minha blusa de botão e fui ao encontro do trem que sempre surgia na estação, no mesmo horário. Uma manhã normal, em suma. Exceto por um fato, um único fato.

Minha mente estava dispersa pelo cenário da estação quando, de repente, algo me salta aos olhos. Era um ponto reluzente. Algo metálico. Não pude conter minha curiosidade típica de arqueólogo e, assim sendo, me dirigi ao ponto de luz. Chegando lá, encontrei um amuleto velho. Estava danificado e carregava um rubi volumoso, tinha o formato de uma cruz pagã, um escaravelho. Em seguida uma torrente de pensamentos invadiu minha consciência e, ao olhar para o trilho, percebi que o trem partira há muito. O que estaria acontecendo? Não costumo me distrair e o ar mesmerizador do escaravelho, a essa altura, já estava me assustando.

Algumas horas se passaram. Era noite e estava encarando o relógio há minutos, me encontrava totalmente inerte. Estava ocupado com a escrita de um texto sobre arqueologia egípcia quando, de súbito, um cão começou a ladrar próximo ao dormitório. Ignorei, afinal, precisava terminar essa monografia até às 6 horas de amanhã. Algo pairava abaixo da minha consciência. Minha mente, o conjunto de minhas impressões e memórias, estava leve até demais. Era como se todo o peso da vigília fosse, de subido, erguido e a experiência desperta já fazia às vezes de sono. Novamente o latido, só que mais alto. "Para que ofereceram comida a ele", pensei. Latiu a primeira vez, a segunda e a terceira vez. O latido já não era mais suportável, pois ficava mais alto à cada instante, e a cadência era frenética a essa altura. Algo me dizia que o animal estava estressado.

"Preciso de uma pausa", pensei. Retirei o celular do bolso pensando em ligar para a professora responsável pelo curso de arqueologia antiga; afinal, se eu estivesse enganado e a data de entrega da monografia não fosse de fato amanhã, não precisaria me abster de sono hoje.

Dessa decisão se sucedeu uma sensação de estranheza profunda, pois ao me deparar com minha lista telefônica aberta, os contatos do meu celular se encontravam com seus respectivos nomes gravados em um idioma que não era português, inglês ou russo. Não era nada que já havia visto durante toda minha vida acadêmica. Relevei e considerei

estar passando por um lapso. Desses que se sucedem àqueles que já estão acordados há muito. Quando estamos imersos nas profundezas da noite, independente da qualidade de nossa vida mental diurna, sombras e galhos mais se assemelham às criaturas vistas em fábulas de uma infância distante.

Abri a porta, afinal o ar abafado do dormitório já se tornara opressivo. Fui para fora tomar ar fresco e, ao me deparar com o céu noturno, fiquei consternado. Nenhuma estrela se fazia presente. Nem nuvem, nem coisa alguma. Ignorei, afinal o verão é mesmo uma época estranha no que se refere à natureza e ao tempo. Sentei no banco da fachada, e lá fiquei. Enquanto pensamentos e emoções se desenrolavam, tentava descobrir, por meio de uma aritmética mental, o motivo de estar tão letárgico. Tudo coincidia com o fato de ter ido ao encontro do escaravelho. Enfim, já não me interessava mais essa disputa. Afinal, havia encontrado o cão que tanto me incomodou durante a redação da monografia. Era um cão negro, de orelhas pontudas, porte alto e com uma aparência ofensiva. Começou a uivar para a lua, que era o único elemento celeste presente naquele cenário. Isso também não importava mais, pois a letargia chegou a um ponto onde, diante daquele cachorro e do campus vazio, cai no sono.

Acordei numa espécie de masmorra que, devido à neblina grossa e onipresente, não pude discernir mais do que alguns símbolos crípticos entalhados nas paredes, que muito se assemelhavam ao que surgiu no meu celular algumas horas atrás. Tomei coragem, que já era um sentimento tão raro a essa altura, e me pus a caminhar para frente. Enquanto mergulhava nas trevas, pude perceber uma porta tão grande, que mais parecia ser feita para uma espécie que não a humana, em matéria de porte físico. Ao abrir a mesma, me deparei com um salão desnecessariamente grande, cujas pilastras laterais eram ricas em ilustrações e não lembravam nada já visto na história da arte. Estava atônito e, por um ato impensado, caminhei para frente, pisei numa placa mecânica, acionando a mesma, quando, de repente, o inferno se ergueu diante dos meus olhos já tão estressados, irritados e que pleiteavam o descanso. Pestanejei e, de súbito, me encontrava rodeado por figuras que se assemelhavam ao cão visto no campus, exceto pelo bipedismo e de estarem vestidas de adornos constituídos por um tecido dourado, com placas douradas ao redor do pescoço. Como se tivessem sentidos outros que o homem não possui, rapidamente foram capazes de perceber minha presença e, ao olhar para trás, por necessidade de buscar salvação, percebi que a porta já estava se fechando. Mediante

o desespero sentido, disparei na direção da saída, que já estava se estreitando. Consegui escapar do salão.

Alguns passos adiante e retornei para a localização inicial onde, para minha surpresa, havia uma fenda dourada e fulgurante em tons pálidos. Minha entrada forçada pela fenda se deu pelo fato de as criaturas estarem já me alcançando. Retornei ao campus, mas algo havia se perdido em mim. Nos meses que se seguiram da minha jornada pelo desconhecido, fui tomado por um temor constante e implacável, que produzia ideações paranoicas e essas, por fim, se multiplicavam. Já não sei se sou capaz de viver uma vida normal. O fim me aguarda de qualquer forma. Alguém está batendo na porta do dormitório com batidas cada vez mais fortes. Minha hora chegou. Devo fazer uso da pistola que guardei para este momento. Adeus.

APRESENTAMOS O CONTO

SOB CÉUS SELVAGENS

POR NEY ALENCAR

NEY ALENCAR É NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES E MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS DE SÃO JOÃO – PE. POSSUI 293 CONTOS PUBLICADOS EM 56 E-BOOKS E EM 100 ANTOLOGIAS. POSSUI 05 LIVROS PUBLICADOS.

"O ferimento que faz com que um determinado tigre se tornasse comedor de gente pode ser o resultado de um tiro disparado descuidadamente e a falha em acompanhar e recuperar o animal ferido ou ser o resultado de o tigre ter perdido a paciência ao matar um porco-espinho."

— Jim Corbett

Yanez bateu no ventre saliente e redondo e riu!

Diante dele uma enorme clareira ladeada por imensos troncos de árvores milenares abria-se totalmente repleta de grandes pés de Táclar maduros.

As árvores, com vinte pés de altura cada e pelo menos quarenta a cinquenta centímetros de circunferência estavam com os galhos mais largos e o tronco cheios de frutas roxas oblongas que cresciam em aglomerados, como grandes cachos.

Floresciam na primavera e no verão e muitas vezes após um grande calor dava-se o que os nativos chamavam de indentada, uma súbita brotação fora de época.

Produziam uma quantidade imensa de frutos, cujas sementes eram assadas e torradas e transformadas em uma bebida doce ou amarga, que era muito semelhante ao cacau terrano e por isso muito valiosa!

A grande floresta de Ruta era o único ponto de floração destas árvores.

Muito já haviam tentado retirar mudas do planeta, mas todas feneciam e morriam.

O pó de Táclar era vendido à peso de carvorita!

A plantação de Yanez era uma das maiores daquela parte da floresta e seu maior orgulho, não havia nada que amasse mais!

Viera para Perdix há mais de dez anos sem nada além da roupa do corpo e acabara desembarcando com uma leva de colonos em uma das vilas da beira da floresta.

Num passe de sorte salvara a filha pequena de um dos chefes de uma tribo de Tridartas de afogar-se em um dos rios que margeavam a vila, sempre fora grande nadador, e fora recompensado com aquele pedaço de terra.

Não podia imaginar que aqueles arbustos que coalhavam a clareira eram os brotos das árvores táclar, e foi somente quando pensou em cortar e arrancar tudo para fazer uma plantação de trigo ou milho terranos foi que Goraliz, a pequena Tridarta que salvara e depois se tornara sua amiga, lhe contou o que eram aquelas frutas arroxeadas que brotavam aos borbotões pelos troncos mais grossos dos arbustos.

Construíra uma cabana ás margens da clareira, mesmo contra a vontade do povo da vila.

Eles o avisaram que era um lugar ruim de morar. Que era assombrado!

Plantar estava tudo bem, porque você só ia colher duas vezes durante o ciclo do ano planetário, mas viver ali, era perigoso demais, diziam eles, olhando para as fimbrias mais escuras da mataria desconhecida e balançando as cabeças lagartóides.

Yanez não os ouviu, construiu a cabana mesmo assim.

Nas primeiras noites sentiu um medo avassalador e quase abandonou tudo.

Havia muitos sons esquisitos que vinham da floresta, pareciam pássaros chamando, ou pessoas gritando, animais que jamais chegou a ver sequer a silhueta berravam ou guinchavam de tal forma que acordava assustado e suando várias vezes na mesma noite.

Com o passar do tempo foi se acostumando e dando nomes estranhos aos sons e aos barulhos. Havia os “grita-mulher”, sons que se pareciam com os gritos de uma mulher assustada, ou então havia os “doidolefantes” berros que ecoavam durante longo tempo como troar de uma corneta, principalmente durante as madrugadas de lua cheia.

Havia os “Lobisomens Famintos”, uivos esquisitos que por vezes se aproximavam demais da cabana, mas que nunca chegaram a molestá-lo, nem à sua plantação.

O povo da vila, na sua maioria Tridartas e algumas famílias de colonos o achavam um homem estranho, por viver naquele lugar que diziam ser assombrado, e a única que o visitava era Goraliz.

Os colonos não conseguiam entender como conseguia, mas o respeitavam por isso.

Os Tridartas o tratavam bem, tinham um certo respeito silencioso por ele, pela coragem ou loucura que demonstrava ao escolher morar ali!

Vieram os anos e a cada colheita Yanez conseguia um preço melhor por suas frutas.

Mesmo sendo já um homem de posses, o mais rico dos terranos daquele lugar, continuava morando em sua cabana à beira da clareira.

Havia melhorado as paredes com plasteel e colocara portas mais resistentes.

Arrumara todo o telhado para permitir que o sol da manhã o aquecesse, mas não demais.

Colocara placas de energia para retirar força da estrela verde e assim agora possuía iluminação elétrica nos quatro cômodos, com um pequeno gerador, e colocara até mesmo alguns postes de luz ao redor da cabana e espaçadamente pela clareira.

Gostava de sentar ao crepúsculo dos dois sóis amarelos e da estrela gigante verde em sua varanda alta e olhar a plantação, escutar aqueles barulhos distantes e sentir as árvores dançando no vento forte que corria pela mataria.

Nesses dias parecia que algo de dentro da mata o observava.

Várias vezes ele se sentira assim, mas não conseguira descobrir o que ou quem era!

Até que algum dos habitantes da mata resolveu comer da sua plantação. No início foram apenas algumas frutas e ele nem se deu conta, mas uma vez se assustou.

Uma das árvores mais bonitas e carregada foi depenada, literalmente, durante a noite.

Não restou uma fruta sequer e pior, ainda quebraram muitos dos galhos mais grossos, o que iria fazer com que a floração demorasse a acontecer ou ficasse prejudicada por um ano ou mais, até que nascessem novos galhos.

Raivoso Yanez foi até a vila e trouxe armadilhas de presteel usadas para caça de dôles e fanjis. Com cuidado espalhou-as pela plantação marcando os lugares para que ele próprio não fosse vítima delas.

Nas primeiras duas noites nada aconteceu.

Na terceira, porém, Yanez foi acordado de madrugada com um urro tremendo e com barulhos terríveis de galhos se quebrando e se partindo.

Ia sair para fora com a grande carabina que comprara, mas um uivo longo e horripilante o fez abandonar a idéia.

Não conseguiu dormir mais a noite toda e quando amanheceu foi até a plantação para ver o que havia acontecido.

Várias das árvores haviam sido despedaçadas e algumas das armadilhas haviam sido quebradas e destruídas, mas três delas haviam feito seu serviço e ele encontrou o que parecia ser sangue, um líquido em um tom azulado quase beirando o amarelo ocre que espalhava-se em grandes pingos grossos pela terra amarfanhada.

Voltou as costas e retornou para sua cabana.

Certamente a criatura estaria agora se escondendo em sua caverna e morreria logo.

Estava satisfeito com seu trabalho.

Naquela tarde foi até a vila e na loja de secos e molhados de Rorberto contou vantagem sobre o bicho que tentara destruir sua plantação, mas que acabara levando a pior.

O velho Rorberto, com seus quase oitenta anos, era o mais velho dali e já de início não gostara da idéia de Yanez vivendo naquela cabana dentro da mata.

Quando ouviu a história ficou branco como cera e tentou de todas as formas convencer o homem à ficar algum tempo na vila.

Podia ficar na estalagem de Judilania se quisesse, era melhor que voltar para aquela cabana solitária, mas Yanez não lhe deu ouvidos, afinal era sua cabana e sua plantação e nenhum bicho dos infernos ia fazê-lo correr com o rabo entre as pernas, não senhor!

Estava anoitecendo quando voltou, o caminho estava escuro e o silêncio era palpável.

Não ouviu piados, nem cantorias de pássaros, nem gritos estranhos, nada!

Um vento forte soprava pela estrada redemoinhando selvagem em remoinhos de folhas e terra, quase como se quisesse fazê-lo mudar de idéia.

Yanez continuou e chegou na cabana, entrou e fechou a porta.

Trocou de roupa e já ia começar a preparar o jantar quando escutou o vento correndo pelo terreiro lá fora, mas havia algo estranho no barulho do vento.

Prestou atenção! Não parecia o vento!

O vento não arranhava a porta, não forçava o plasteel daquele jeito.

Súbito um urro o fez pular para trás quando, ao mesmo tempo, alguma coisa grande e pesada atingia a porta uma, duas, várias vezes.

Yanez estava congelado de medo!

Jamais esperara algo assim!

Aquilo atacou novamente e novamente até que a porta estremeceu e se partiu ao meio, como se fosse feita de papelão.

Yanez caiu para trás, sem entender o que havia acontecido, afinal era uma porta de plasteel, não deveria se partir assim, iria ter que reclamar com o velho Rorberto sobre a qualidade do material que lhe vendera e certamente iria lhe pedir reembolso!

Não teve tempo para pensar em mais nada.

Em segundos aquilo estava dentro da cabana!

A silhueta horrenda faz Yanez gritar, aquela visão blasfema consumiu sua sanidade e seus olhos continuaram fitando o ar à sua frente, mesmo quando a criatura, uma mistura de felino e insectóide com oito patas, dez olhos e as três caudas que chicoteavam pelo ar parado, pulou em sua direção!

A lâmpada piscou por causa do resfolegar do gerador e se apagou!

Lá fora a pequena lua vermelha soltava seus raios carmesins e no interior da cabana um grito reverberou horrivelmente apenas uma vez e calou-se!

Lá fora o silêncio gritou!

APRESENTAMOS O CONTO

QUANDO OS MORTOS NÃO MORREM

POR NEY ALENCAR

NEY ALENCAR É NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES E MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS DE SÃO JOÃO – PE. POSSUI 293 CONTOS PUBLICADOS EM 56 E-BOOKS E EM 100 ANTOLOGIAS. POSSUI 05 LIVROS PUBLICADOS.

"Oh, os mortos não morrem
Mais do que você ou eu
Eles são apenas fantasmas dentro de um sonho
De uma vida que não possuímos."

— Sturgill Simpson

Recife Velho. Cemitério de Santa Maria e Todos os Santos.

A mão rompeu a terra seca que enchia o túmulo!

Os dedos se crisparam como se gritassem e procuraram arranhar o ar à sua volta.

Devagar o corpo eclodiu de dentro da terra como verme se arrastando para fora de uma ferida aberta.

A pele estava seca e luzidia, os cabelos compridos e negros estavam amarfanhados e cheios de terra.

Os olhos castanhos reviraram nas órbitas escaveiradas e olharam ao redor procurando por alguma coisa da qual não se lembravam.

O rosto envelhecido fez uma careta como se sentisse um odor nauseabundo e fechou os olhos por um instante.

Queria se lembrar do que havia esquecido, mas as imagens em seu cérebro estavam tumultuadas e confusas, era como se procurasse algo em um sótão embolorado e encontrasse apenas fungo e mofo.

Sentia falta de alguma coisa que não sabia o que era!

O calor do sol surgiu sobre sua pele e ela olhou para o braço como se fosse uma coisa nova e diferente, como se fosse aquela a primeira vez que sentisse aquela sensação.

Novamente olhou ao redor como se procurasse por um objeto, devagar a imagem foi lhe voltando à mente, uma bicicleta, sua bicicleta, onde estava?

As memórias retornavam em laivos, estava andando de bicicleta, lembrava-se de mover as pernas, conversava com alguém, mas não podia lembrar-se do rosto, separaram-se? Não tinha certeza!

Sentira algo em seu rosto, uma batida forte e havia caído para trás, com a escuridão engolfando-a naquela névoa confusa, naquele esquecimento torturante.

Havia acontecido alguma coisa ruim consigo, sentia isso.

Súbito ouviu um grasnar forte vindo de um árvore e olhando naquela direção viu a sombra de um corvo, grande e gordo que a olhava intensamente, com um olhar que parecia divertido e crítico.

Ouviu um pardal cantando longe e prestou atenção, foi então que os outros sons lhe chegaram como um alarido desenfreado, buzinas estranhas e o som de máquinas se movendo.

Prestou atenção ao redor tentando descobrir onde estava, mas tudo ali estava diferente do lugar que havia conhecido, tudo era novo e tudo era estranho ali.

Caminhou tropegamente por entre os túmulos.

Parou e leu alguns nomes, não faziam sentido, deviam estar com as datas erradas, eram de quase um século depois daquele dia fatídico, será que estava morta?

Talvez sim, senão porque estaria enterrada em um cemitério?

Nada daquilo fazia sentido para ela.

O corvo não resolveu nenhum de seus enigmas, mas crocitou um novo!

Vagou por aquele mar de lápides sem fim até que chegou ao muro, foi então que veio a fome avassaladora.

Um ronco terrível que a fez dobrar-se sobre si mesma, uma dor aguda em seu abdômen, uma vontade rouca que lhe gritava dentro da mente, um desejo visceral que devagar ia tomando conta dela.

Os olhos ficaram avermelhados, as mãos se crisparam e um odor adocicado lhe chegou vindo de detrás do muro.

Havia alguma coisa ali, não, havia alguém ali.

Podia ouvir sons de risadas e brincadeiras, podia ouvir crianças correndo e mulheres falando, uma voz masculina ria.

Aqueles sons açularam ainda mais sua vontade!

Precisava daquelas pessoas, queria se aproximar e morde-las, arrancar a carne e devorá-la até que tivesse se fartado, até que seu estômago estivesse cheio, até fazer cessar aquela vontade louca que tomava conta dela!

A impossibilidade de fazê-lo a deixou zangada e involuntariamente seus lábios regurgitaram palavras roucas que se aglutinaram na língua mole e saíram como grunhidos e rosnados sem sentido.

Procurou subir, arranhou o muro, vergastou os tijolos com as mãos secas, mas não conseguiu, o muro era muito alto, resolveu dar a volta.

Voltou os passos trôpegos em direção ao grande portão de ferro, mas quando o alcançou descobriu que estava fechado, havia um grande cadeado ali.

Ouviu o corvo crocitar novamente e procurou-o, estava no mesmo galho, olhando em sua direção, parecia divertido, como se quisesse lhe dizer alguma coisa, que ela não conseguiu compreender.

Estava cada vez mais difícil pensar com aquela fome irascível tomando conta dela, não conseguia pensar em mais nada a não ser no desejo que fazia seu corpo tremer e seus lábios balbuciarem um gemido horrendo e s em sentido.

Andou três vezes ao redor do cemitério, não encontrou ninguém!

Não estava cansada, na verdade não sentia nada, podia dar uma centena de voltas no velho cemitério sem se dar conta do que fazia.

Voltou devagar para o buraco de sua cova e entrou nele, não havia mais nada a fazer senão esperar que viesse alguém.

Alguém que ela pudesse devorar!

O corvo crocitou no galho!

A tarde caiu enquanto ela lutava com a dor insuportável da fome que lhe corroía as entranhas e as fazia pegar fogo.

Tentou comer insetos, mas eles não aplacavam a fome, só a tornavam pior, com seus dentes rangendo e rilhando sobre si mesmos.

Os pássaros eram rápidos demais para ela e o corvo estava em um galho alto!

Desesperou-se e esperou!

A noite já viera há muito quando um barulho alto chamou sua atenção.

Alguém estava abrindo o grande portão!

Saiu da cova e esperou nas sombras de uma árvore, perto da trilha principal do cemitério.

Pelo ar noturno um vento lhe trouxe o odor adocicado da carne fresca e viva

Um tremor perpassou por seu corpo e ela foi tomada pela febre alucinante da fome selvagem que a assolou como um fogo devorador!

Um grito fugiu de seus lábios secos, conspurcando o silêncio da noite, algo que traduziu-se por um uivo rouco que transformou-se em um rosnado horripilante.

Seus olhos não podiam ver através da escuridão, mas ela sentia o odor e correu em sua direção desesperadamente, com os braços esticados e as mãos esqueléticas abrindo e fechando os dedos, como se fossem garras aduncas.

A morte já não poderia mais contê-la, a terra já não a receberia mais, o Céu e o purgatório estavam fechados para ela, restava apenas aquela fome insaciável por carne!

APRESENTAMOS O CONTO

O OLHO DO CAÇADOR

POR NEY ALENCAR

NEY ALENCAR É NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES E MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS DE SÃO JOÃO – PE. POSSUI 293 CONTOS PUBLICADOS EM 56 E-BOOKS E EM 100 ANTOLOGIAS. POSSUI 05 LIVROS PUBLICADOS.

"O enorme espinheiro, que se erguia sozinho, solitário e belo, oferecia um abrigo contra o sol escaldante. A caça estava pastando por todos os lados; e fiquei pensando em toda a vida da selva e em suas muitas tragédias, que a grande árvore deve ter testemunhado durante os séculos desde que era uma muda."

— Diário de Theodore Roosevelt

O caçador levantou os olhos e viu a teia de luz e sombras que descia pelas copas milenares das árvores titânicas por quase uma centena de metros até o chão da mata.

William Seeley Mearns baixou os olhos e verificou a munição no rifle enquanto procurava algum sinal do Fawl.

O chão da mata estava quase intocado, não havia marcas de verrídeos nem de antrazes, os famosos tapires carnívoros que habitavam a região.

Um movimento atrás dele o fez voltar-se.

Era o guia, Karníl!

O pelo marrom escuro estava todo arrepiado e as grandes mãos em forma de garras traziam um arco curto com um seta comprida, na cintura a grande faca de obsidiana reluzia.

O Chondárta levantou a cabeça e suas orelhas, muito semelhantes às dos felinos terrestres tremeram e se moveram, como se tivesse escutado alguma coisa.

Parou por um instante, como se procurasse outro barulho, mas não ouviu nada.

Parou em frente ao caçador e olhou-o nos olhos.

O homem era tão grande quanto ele, ambos com um metro e noventa, mas o Chondárta mostrava mais músculos no corpo seminu.

— Ele veio por aqui, Mem Xi! — indicou o Chondárta com um assobio entredentes, mostrando a casca de uma das árvores que havia sido arrancada — Depois subiu e deve ter ido na direção do outro vale!

— Temos que conseguir atraí-lo até nós. — disse William desesperançoso.

— Os Fawl são espertos, Mem Xi. Este não voltará mais aqui hoje. Talvez amanhã. — a voz rouca do Chondárta reverberava com um eco surdo.

William deixou o rifle de lado e usou o binóculo.

Devagar perscrutou as redondezas em busca de alguma coisa que pudesse usar para atrair sua presa.

Afinal descobriu um pequeno bawri, uma raposa de pelos verde musgo com uma cauda fina, escondendo-se em um tronco, algumas dezenas de metros distante.

Atraiu a criatura com nacos de carne seca e a aprisionou em um laço.

O guia se deleitava com as maquinações do homem.

Os Chondártas eram exímios caçadores e o faziam de forma que a presa na maioria das vezes sequer sabia o que a havia atingido.

Não entendia porque os homens precisavam mostrar suas armadilhas de forma tão espalhafatosa.

Era só esperar que o Fawl iria voltar, talvez demorasse alguns dias, mas eles sempre voltavam!

Gostavam de rondar as mesmas trilhas por semanas a fio, na esperança de encontrarem algum fulgu errante, tinham uma predileção quase mórbida em devorar as cabeças deste inseto homóptero que era intumescida, em forma de fava de amendoim, e quitinizada, com um tubérculo perto da base, semelhante a um grande par de olhos!

Aquele em especial espalhava o terror pela região de Grita há vários meses, atacando viajantes pelas estradas que ligavam as vilas e aldeias e matando um sem número de fazendeiros e plantadores de Taklét, um alimento pastoso em forma de bebida doce ou amargo feito a partir da semente torrada da árvore Táclar pelo Chondártas.

Depois que William prendeu uma das patas da bawri à um tronco de árvore, eles montaram uma sampa, uma armação de galhos em forma de tablado com três paredes, em uma árvore próxima e se esconderam.

Bandos barulhentos de siziraks, uma mistura esdrúxula de lêmures insectóides com seis patas e duas caudas prenseis passaram ao redor da sampa várias vezes.

Karníl, incomodado com os guinchos e berros das criaturas tirou um pó arroxeado de dentro de um saco que trazia escondido dentro das vestes e, acendendo um pequeno ponto de fogo, jogou o pó nas chamas.

Um odor forte e adocicado surgiu e tomou conta do ambiente.

— O que é isso? — perguntou William preocupado se aquele cheiro estranho iria afastar a presa.

— É apenas um pouco de sasagris, Mem Xi. — explicou Karníl sorrindo e mostrando os dentes alvos e afiados — É cheiro de muriana! Espanta os macacóides, mas atrai os Fawl e outros predadores.

Os barulhentos siziraks foram embora e o silêncio voltou.

William oleou o rifle e preparou a munição extra para o caso de terem visitas inesperadas, afinal não sabia o que aquele cheiro estranho podia atrair.

Já estava vivendo naquele mundo primitivo, selvagem e belo há quase duas décadas e não cessava de se maravilhar com sua natureza e suas criaturas.

A cor esmeraldina de sua estrela fazia com que a luz que descia pelas copas se tornasse quase sobrenatural, com um encanto singular que nunca encontrara antes.

Pelos buracos nas copas podia ver nuvens púrpuras se deslocando pela atmosfera!

Eram como grandes conglomerados de águas vivas, na realidade se poderia dizer que eram grandes águas vivas nadando pela atmosfera, criaturas únicas!

Em nenhum outro planeta do Stax Borealis encontrara uma vida tão luxuriosa como ali!

A grande floresta de Ruta era uma massa de sete milhões de quilômetros quadrados de cobertura vegetal, em seu interior estavam contidos os picos cobertos de neve dos Himachal, as maiores montanhas do planeta, cujas alturas chegavam a mais de quinze mil metros de altitude.

Dentro de sua escuridão selvagem existiam quase sessenta por cento de todas as espécies conhecidas do planeta Perdix, incluindo noventa e cinco mil espécies de plantas, cento e trinta e cinco mil espécies de insetos e noventa e uma mil espécies de animais, até agora catalogados.

Claro que poderiam existir outros tantos mil que ainda não haviam descoberto!

Ele não cessava de se maravilhar!

A tarde caiu devagar, aquela região, chamada de Grita ficava na parte meridional da grande floresta de Ruta e as aldeias e vilas que bordejavam a mataria eram na sua maioria compostas de homens, colonos terranos e suas famílias.

Começaram a colonização quase dois séculos atrás antes, mas ela estagnara porque os habitantes da floresta, os Chondartas principalmente, não gostavam que os homens interferissem em seus afazeres e muito menos que derrubassem as matas e caçassem suas presas.

Uma Injunção fora movida junto ao governo do Stax pelos Sacerdotes Biopsicosmoespirituais em nome do povo de Perdiz e os terranos foram obrigados a refrear sua colonização.

Os advogados staxianos eram muito superiores aos terranos e a legislação muito mais rígida quando se tratava de espoliar as espécies nativas e destruir ecossistemas únicos!

William se lembrava de quando havia chegado ali, das dificuldades que tivera para ser aceito como caçador e de poder portar uma arma que não fossem os arcos curtos dos Chondartas ou as zarabatanas esguias dos tridartas! Afinal fora aceito e isso lhe havia bastado! Queria viver ali até o fim de seus dias! Aprendera a amar aquela selva!

Enfim a estrela verde se escondeu atrás do horizonte e a escuridão reinou sobre a selva!

Continuaram sentados dentro da sampa.

William ligou as lentes infravermelhas e esperou.

Pelo meio da noite foram surpreendidos por um grande cervídeo urrante.

Veio gritando em uma carreira desabalada pela mata, rompendo troncos e derrubando árvores jovens, passou por eles como um furacão e sumiu-se mataria adentro deixando no ar um odor forte e pungente de almíscar!

Deu uma galhada na árvore em que estava a sampa e a derrubou.

William pulou e conseguiu se segurar pelos galhos amortecendo a queda.

Karníl pulou de lado e sumiu-se mata adentro perseguindo o grande cervídeo.

O caçador se levantou e limpou a terra da roupa, foi então que ouviu um bufar alto atrás de si e viu algo que poucos terranos vivos puderam apreciar, um Fawl em toda sua pujança!

A criatura era uma mistura de felino e insectóide com oito patas e dez olhos, a pele parecia mimetizar-se às sombras e as três caudas chicoteavam pelo ar parado!

Nunca havia visto um assim, já vira peles da criatura, mas vivo era uma coisa formidável e assustadora!

Notou uma marca de cicatriz em um dos lados do pescoço e viu que três patas estavam tortas, dos olhos cinco estavam vazados, nitidamente podia ver que fora o trabalho de um caçador preguiçoso que não se preocupara em abater o animal ferido.

O bicho soltou um urro grotesco que ecoou ao redor! Toda a mata silenciou.

William Seeley Mearns moveu imperceptivelmente a mão esquerda e apanhou o rifle que caíra quase ao seu lado.

Sabia que não teria outra oportunidade senão aquela, se errasse estaria morto antes que o guia pudesse ajuda-lo!

A distância que o separava do Fawl era de apenas quatro metros.

Retesou os músculos bem devagar, olhando nos olhos da criatura, tentando intimidá-la, mas aquilo apenas a fez ficar com mais raiva.

Ela urrou e bateu todos os braços com os punhos pechados no peito largo e peludo.

A criatura pulou com as garras estendidas, havia uma loucura peculiar em seus olhos!

William puxou o rifle para sua frente e esmagou o dedo no gatilho uma e depois outra vez.

O espocar da arma foi como um trovão caindo do firmamento!

E William sobreviveu!

APRESENTAMOS O CONTO

A BESTA DA CAVERNA

POR NEY ALENCAR

NEY ALENCAR É NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES E MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS DE SÃO JOÃO – PE. POSSUI 293 CONTOS PUBLICADOS EM 56 E-BOOKS E EM 100 ANTOLOGIAS. POSSUI 05 LIVROS PUBLICADOS.

A caverna era vasta e abria-se com um domo perpendicular que tomava proporções ciclópicas.

Sob sua cúpula de pedra preta uma extensa floresta de árvores fungóides se estendia, de borda à borda, em fileiras sem fim.

Os ramos se entrelaçavam em copas vastas de onde pendiam pequenas frutas oblongas e arroxeadas que espiralavam em cachos por toda a extensão daquele horizonte alienígena.

Não havia luz ali, nem tempo.

Não havia dia ou noite, apenas a Escuridão!

Um vulto alto e magro de ZoKaTa andava por entre as árvores, por vezes colhendo uma fruta e a provando, outras vezes verificando os troncos e as raízes que saíam para fora da terra preta, em busca de doenças ou imperfeições.

Seus quatro braços traziam uma lança e uma mochila, cheia com alguma frutas.

Seus olhos bulbosos, acostumados com a escuridão ao redor, paravam e olhavam as silhuetas das árvores que balançavam como se dançassem em um ritmo embalado por um vento cavernoso.

Percorreu toda a extensão da floresta cuidando das árvores, parando de vez em quando.

Subitamente ouviu um piado solitário ecoando por cima de seus passos.

Parou, assustado, e ficou completamente imóvel.

Assestou sua sombra para um interstício entre dois troncos e esperou.

O intervalo entre o primeiro e o segundo pios foi enorme, já estava quase saindo de seu esconderijo quando soou o outro.

Teve medo.

Não havia outros como ele por ali, ele era o fazendeiro, aquela plantação era sua responsabilidade.

Era a mais próxima da grande estrada do norte que descia do planalto e serpenteava por ladeiras incontáveis antes de esconder-se por entre aquelas cavernas escuras.

Hesitou por um momento.

Com cuidado e em silêncio saiu de seu esconderijo e retornou para a trilha principal por entre os troncos das árvores.

Caminhou devagar em direção à fonte dos piados, tentando ao máximo não fazer barulho.

A terra estalava os grãos sob seus pés descalços.

Um barulho ínfimo, mas que fazia seus três corações palpitarem como uma carreira desabalada dentro de seu peito.

Sua pele, antes negra, agora estava esverdeada, quase amarelada de tanto pavor que sentia.

Havia ouvido histórias de bestas que vieram do Awvul exterior e que agora habitavam dentro das cavernas, não acreditara nelas a princípio, mas agora, ali, aquilo retornava à sua mente da pior forma possível.

As histórias tomavam forma através dos espectros assombrosos que grassavam por ali.

A Escuridão ao seu redor começou a ficar povoada de movimentos estranhos, sombras esquisitas e um terror vago começou a tomar forma dentro dele.

Era como se todos os seus medos viessem à tona.

Parou!

Ouvira algo atrás de si? Talvez sim.

Escutou novamente, mas o som não veio.

Talvez fosse somente sua imaginação assustada.

Procurou alcançar a borda da floresta, onde estavam as pedras de luz de emergência.

Elas poderiam lhe mostrar se havia alguma coisa ali ou não.

Era raro precisar acendê-las, somente quando tinha que afugentar alguém que viesse furtar uma fruta.

Quando já se aproximava da borda um movimento rápido passou à sua frente.

Parou novamente.

Desta vez tinha certeza que era alguma coisa.

Talvez uma criança atrás de uma fruta.

O piado esquisito soou bem perto.

Ele deu um passo para o lado ficando entre dois troncos e olhou ao redor.

Procurava qualquer coisa que lhe mostrasse que seus medos eram apenas sua imaginação, mas não encontrou nada.

Um odor pútrido chegou até ele com uma lufada de vento cavernoso.

Deu um passo atrás e quase caiu, apoiou-se em um tronco e um galho estalou sob seus pés.

O barulho foi como o troar de uma explosão.

Como um farol aceso naquela Escuridão!

Tudo silenciou à sua volta.

Agora tinha certeza de que não estava mais sozinho ali.

Um barulho de passos pesados e arrastados destacou-se à sua esquerda seguido por um bafo fétido e um ronco baixo.

Ele sobressaltou-se e levantou a lança, que tremeu em suas mãos amedrontadas.

Súbito uma sombra mais densa que a Escuridão que o envolvia parou à sua frente.

A besta surgiu, com o corpo coberto por uma pelagem negra de fios duros como espinhos, os olhos multifacetados que se moviam em várias direções ao mesmo tempo e as mandíbulas das três bocarras abertas onde ecoava aquele ronco baixo.

O fazendeiro deu outro passo atrás, mas foi em vão.

A besta deu o bote com a rapidez de um raio agarrando-o pelo meio e puxando-o para si com um solavanco.

Ele não conseguiu sequer gritar, pois o ar foi expelido de seus pulmões com o aperto daquelas garras férreas.

Com um movimento certeiro uma das bocas vorazes mergulhou na garganta e a segunda lhe perfurou o peito.

A terceira soltou um suspiro de lascívia enquanto conspurcava a terra ao redor.

Com outros dois bocados devorou-lhe o corpo magro, deixou cair os pedaços da carapaça preta que deveria proteger o corpo do fazendeiro e sem nenhum som desapareceu inteira por entre os troncos em um movimento sutil.

Um instante depois apenas a lança quebrada jazia na terra marcando o lugar daquele ato de horror!

O intervalo prolongou-se e em seguida outro vulto maior pisoteou os restos da lança e mergulhou por entre os troncos, salivando pelas três mandíbulas vorazes!

Quando passou a caverna voltou a ficar em silencio!

APRESENTAMOS O CONTO

GULOSO

POR ROBERTO SCHIMA

NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O "PRÊMIO JERÔNYMO MONTEIRO", PROMOVIDO PELA "ISAAC ASIMOV MAGAZINE" (ED. RECORD), PELO CONTO "COMO A NEVE DE MAIO". COLABORADOR DAS REVISTAS DIGITAIS "CONEXÃO LITERATURA", "LITERALIVRE" E "OBOOK". PARTICIPOU DE MAIS DE DUZENTAS E SESSENTA ANTOLOGIAS. ESCREVEU: "LIMBOGRAPHIA", "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU", "ERA UMA VEZ UM OUTONO", "VOZES E ECOS" ETC. CONTATO: RSCHIMA@BOL.COM.BR.

O investigador Rivando acreditava ser um homem durão, frio e, até certo ponto, maldoso. Sim, mal. Precisava de uma dose de crueldade para melhor exercer seu trabalho. Era como um trago de aguardente, mas sem os efeitos dispersivos do álcool.

— Bonzinhos de tudo não duram muito tempo — justificava.

Testemunhara de tudo um pouco na vida, coisas bastante ruins, mais do que devia ou achava ser possível. Eliminara uma boa cota de marginais sempre que possível e sem qualquer remorso a fim de impedir sua soltura por um *habeas corpus* qualquer, coisa nada difícil devido às brechas na lei e espertalhões advogados de porta de cadeia. E, em alguns casos — não tinha vergonha de admitir —, aplicara a Lei de Talião tamanha a sua revolta. Estupradores e pedófilos, por exemplo, não mereciam qualquer clemência. Ele fazia questão de soprar aos demais detentos o porquê do cara de estrume ter sido preso. Os berros ouvidos posteriormente soavam feito *Figaro*, de *Il barbiere di Siviglia*, porém, com uma entonação aguda...

Entretanto, o caso atual conseguira balançar as próprias fundações do experiente investigador.

Uma besta insana matava pessoas a esmo, arrancava e espalhava partes do corpo em uma trilha macabra até a porção principal do cadáver. *Arrancava!* Não havia sinais de corte. Que força seria necessária para romper carne, tendões e ossos humanos? Era um jogo apavorante, uma hedionda brincadeira. Ao todo, haviam sido quatro vítimas, todos pobres refugos da sociedade: um morador de rua, uma prostituta, um viciado e um assaltante. Ninguém dera por falta deles — ou, se dera, não prestara queixa —, entretanto, algum cidadão incauto sempre tropeçava em um punhado de vísceras no caminho. Para coroar todo o horror e selvageria, o monstro enfiara um prego no crânio de cada um com um bilhete. A garatuja dizia: "Guloso". De fato, era um piadista sádico do inferno, dotado de uma força demoníaca.

Tal codinome teria feito a delícia da imprensa sedenta por sangue e repórteres tão dignos quanto um furúnculo no traseiro, não fosse os esforços da polícia em manter o máximo sigilo quanto a esse particular.

— Não haverá sigilo algum no que farei ao desgraçado — prometera Rivando.

Claro, isso não impedira certos jornais de inventarem seus próprios apelidos: "O Esquartejador", "A Fera da Noite", "Monstro Sanguinário" ou qualquer outra coisa explicitamente ilustrativa.

A quinta vítima deixara todo o distrito policial em polvorosa. Tratava-se da filha do prefeito, garota frívola, estragada por mimos demais e juízo de menos. Desaparecera na madrugada do último fim de semana, após sair de uma balada organizada por pentelhos ricos, regada a muito *whisky*, sexo e cocaína. Como o departamento sabia que se tratava do Guloso? Da pior maneira, infelizmente. O maníaco fizera questão de enviar ao político uma caixinha embrulhada em papel de presente, atada por um laço cor-de-rosa; em seu interior, um dedo amputado da moça mais as orelhas, cada qual trazendo um brinco de safira, presente do pai.

Arrancados!

— Exijo minha filha de volta! — berrara o político, desconcertado. — Eu exijooooo!

Segundo o provérbio, a esperança era a última a morrer. Ultrapassado o choque inicial, o prefeito, em prantos, implorara pela vida dela, para que trouxessem seu "bebê" de volta. Prometera cuidar dela, colocá-la-ia no caminho da retidão, livrando-a das más companhias. Até confessara atos corruptos a título de expiação. Pobre homem! Passara tanto tempo atolado em reuniões escusas, sujeiras e tramoias que mal vira a menina crescer e se transformar em mulher. Não obstante todo o dinheiro imundo acumulado, vira-se perdido sem sua maior e verdadeira riqueza. Certas providências — ou intenções de providências —, assim como o arrependimento, chegaram tarde demais.

Quando as pistas conduziram o investigador Rivando a um beco abandonado na porção mais fétida do centro da cidade, a noite terminara de cair. Sim, sim, sim... Ele sabia. Não devia estar sozinho. Precisava pedir reforços. Contudo, tendo a Lei de Talião em mente, apalpou o bolso de seu casaco: a lâmina fria do facão falou por ele. "Alimente-me!", era o que dizia ela. "Alimente-me, seu miserável! Comece pelo nariz. Quem sabe, um talho na boca... Delícia!" Iria alimentá-la e não necessitava de testemunhas para isso. Às vezes, indagava-se se tantas coisas medonhas não o tornaram esquizofrênico. Qualquer dúvida desapareceu em seguida, quando seus olhos focalizaram algo caído numa poça d'água: um pé feminino descalço com um osso à mostra. "Decepado sem sinais de corte", pensou. Não, não era água, mas... sangue! Ainda não coagulara. A bile subiu garganta acima e o investigador forçou-a de volta para o estômago. "Caraca, quem ou o que tem força suficiente pra fazer isso?!" Um calafrio percorreu Rivando. De revólver numa mão e facão noutra, caminhou devagar. Os pingos negros no pavimento conduziram a outro pé, depois, a um braço — na mão, faltava um dos dedos —, mais trilhas de sangue, outro braço, então, um naco grande de perna. Engoliu em seco. Agora, a ideia dos reforços não

pareceu tão absurda. De repente, um vulto ruidoso destacou-se no fundo do beco. Instintivamente, o investigador atirou uma, duas, três vezes, ciente de que, assim, privar-se-ia da sua diversão com a lâmina. Deu de ombros, nervoso. "Foda-se! Esquartejarei o cadáver do bosta."

A silhueta balançou... Porém, não caiu.

Quando se aproximou o suficiente, apesar da obscuridade, reconheceu o que restara da filha do prefeito, amarrada por uma corda. A esperança jazia morta. Um dos tiros atingira em cheio o bilhete pregado na testa dela. "Na mosca... Putz! Isso não ficará bem no meu relatório." Como poderia supor que não escreveria relatório algum e nem mais nada na vida?

Subitamente, vindas do interior das trevas, garras afiadas penetraram-no por trás, rasgando suas costas. Urrou de dor, sentindo o morno de seu próprio sangue empapar a camisa. Em meio à agonia lancinante, escutou uma voz feminina rosnada atrás da nuca:

— Bem-vindo, policial. Será meu novo picadinho... e refeição! Afinal, a gula é o pecado mais saboroso. A trilha de carne começará na porta da delegacia, para deleite de seus colegas...

Enquanto as pernas de Rivando se dobravam e ele tombava no chão imundo, virou-se e fitou o vulto diante do pano de fundo do céu estrelado. Uma frase de um conto infantil ressurgiu do passado:

"Vovó, que orelhas grandes você tem!"

Então, lembrou-se. A arma não estava completamente descarregada. Num derradeiro gesto, alvejou o Guloso à queima-roupa com o restante das balas.

A coisa gemeu. Recompôs-se e, ainda agarrada à presa, sussurrou:

— Não são de prata, meu bem.

O hálito fedia a pestilência. Os pelos no corpo da criatura eram grossos e hirsutos. E os dentes... Ah, os dentes! Quão enormes eram aqueles dentes!

— Não é justo, Talião! — choramingou Rivando. — Não é justo...

O último mistério ficou por conta do porquê o monstro ter assinado "Guloso", em vez de "Gulosa". Mas era demasiado tarde. Em sua cabeça, soou a ópera-bufa de Rossini: *"Figaro figaro figaro"*. E tudo escureceu de vez para o investigador à medida em que a coisa o mastigava.

***

NOTA DO AUTOR:

Conto originalmente publicado na antologia "O Medo que Surge com a Noite" (Editora Carnage, 2023), organizada por James Gallagher Junior.

https://loja.uiclap.com/titulo/ua26876/

APRESENTAMOS O CONTO

HORAS ANGUSTIANTES

POR SELLMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. BRASILEIRA, MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. RECEBEU "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022, PUBLICADO NO EXEMPLAR 10 DE A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA. TEM PARTICIPADO DE VÁRIAS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EXEMPLARES MENSAIS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

Horas imprecisas
à espera do porvir.
A revelar segundos e minutos.
Num extenuante alongamento do tempo,
que rege sobre os míseros viventes.

E as horas não se sucedem
ao desejo do homem.
Mas elas se esticam,
levadas pela ação em contrário.
Polos opostos a se desafiarem,
como num ímã.

E a angústia aumenta
com o passar do tempo
que parece ironizar as esperas,
dele dependentes.
Num conflito constante e desigual
entre escravo e senhor.

APRESENTAMOS O CONTO

À PROCURA DE MIM

POR SELLMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. BRASILEIRA, MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. RECEBEU "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022, PUBLICADO NO EXEMPLAR 10 DE A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA. TEM PARTICIPADO DE VÁRIAS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EXEMPLARES MENSAIS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

Um ser complicado habita em mim.
Entendê-lo, confesso,
uma tarefa hercúlea.
E eu passei horas da última noite,
puxando os fios da meada.

O que sou? O que quero?
O que da vida, espero?
E na conivente escuridão da noite,
a aventura começou.

A consciência parecia lúcida e abrangente.
Apaziguada pelo silêncio dos mortais.
Mas, ante a proposta aberta,
em divagações, se perdeu.

Ao fundo do poço, não se conseguiu chegar.
Talvez este seja um universo,
por fantasmas e bruxos habitado.
Confabulando,
como se desafiar a normalidade.

À procura de mim,
no jogo da vida, continuo.
Entre quedas e afirmações,
a realidade é relativa.
E o amanhã, pode vir mais claro.

APRESENTAMOS O CONTO

O MUNDO PAROU

POR SELLMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. BRASILEIRA, MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. RECEBEU "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022, PUBLICADO NO EXEMPLAR 10 DE A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA. TEM PARTICIPADO DE VÁRIAS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EXEMPLARES MENSAIS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

O mundo parou.
Mesmo a dor
já não era.
Só espera.

Num átimo de tempo,
nem minutos,
nem horas.
Eterno.

Tudo inerte.
Tudo irrelevante.
A vida no limbo.
Pavor da morte.
Impotência.
E só!

APRESENTAMOS O CONTO

MAIS UM CRIME

POR SELLMA LUANNY

SELLMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. BRASILEIRA, MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POEMAS DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – TODOS EM PAPEL. RECEBEU "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022, PUBLICADO NO EXEMPLAR 10 DE A REVISTA DA TRADIÇÃO LVSITANA. TEM PARTICIPADO DE VÁRIAS ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EXEMPLARES MENSAIS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELLMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

A todos nós, mortais, chegará a hora...
em que nesta Terra, fecharão nossos olhos.
E o abismal vácuo da eternidade, a mortalha.

A todos nós a imprecisão do momento.
Incerto, longínquo... é o desejo.
Nunca o precipitar, se possível for.

Mas, do mais jovem, da criança que a sonhar,
em flor se abre.... de um multicolor futuro,
à espera... é intolerável, a morte!

E ao acontecer o infortúnio... macabro ato!
Não há perdão que redimi-lo possa.
Não há pena que o consiga apagar.

O sofrimento maior do próprio sangue...
O sofrimento geral de quem sente...
No coração, profundos cravos
de um perene luto, a se cravarem!

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**